

## Língua, história e cultura brasileiras: CORAÇÃO DE ESTUDANTE

Marli A. Rosa

*Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE)<sup>1, 2</sup>*

*“Porque se chamavam homens  
Também se chamavam sonhos  
E sonhos não envelhecem  
Em meio a tantos gases lacrimogênicos  
Ficam calmos, calmos, calmos, calmos  
E lá se vai mais um dia...”*

(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges,  
na música “[Clube da Esquina N<sup>o</sup> 2](#)”

**Abstract:** In this article, from a discursive perspective of language and subject, it is presented part of the recent History of Brazil and it is also discussed the relation between this period and the use of Brazilian songs in the classroom of Brazilian Portuguese as a Foreign Language/Second Language. It is discussed specifically some historical events and its connection (in terms of meaning) with the song “Coração de Estudante”, composed by Milton Nascimento and Wagner Tiso. The main purposes of this work are to raise a reflection and to present for the colleagues all around the world some practical suggestions of how to work in the classroom combining the knowledge on Brazilian Music, History and Language.

**Key words:** Brazilian History; Brazilian Popular Music (MPB); Teaching of Brazilian Portuguese as a Foreign/Second Language; Discourse Analysis; Language, Culture and Identity; Language and Ideology

### Introdução

O uso de música na sala de aula de língua estrangeira é um dos mais acessíveis e, ao mesmo tempo, um dos mais férteis recursos que nós professores de línguas dispomos para apresentar aos alunos um pouco da história e da cultura dos falantes da língua alvo e, por que não dizer, da história e até da cultura da língua em si.

---

<sup>1</sup> Marli Rosa é Brasileira, Mestre em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora Universitária desde 2001, em cursos de Letras voltados para Formação de Professores de Português e Inglês. Atualmente, leciona [cursos online](#) e trabalha em duas instituições de ensino. Para contatos: [marlirosa\\_unicamp@yahoo.com.br](mailto:marlirosa_unicamp@yahoo.com.br) (email/MSN) ou [marlirosa.br](#) (SKYPE).

<sup>2</sup> Dedico este artigo às mulheres brasileiras (famosas ou desconhecidas) que, como Zuzu Angel (*in memoriam*), tiveram seus filhos estudantes torturados e mortos pela ditadura militar vigente no Brasil de 1964 ao início de 1985. A luta de Zuzu Angel, famosa estilista brasileira, é apresentada no filme que leva seu nome como título, do diretor Sérgio Rezende. No [site oficial do filme](#), com o objetivo de contribuir para um ensino que desenvolva a capacidade de reflexão crítica do aprendiz, há diversas propostas de atividades com esse filme como recurso em sala de aula - atividades que certamente podem ser adaptadas às aulas de Português do Brasil como L2.

No caso específico do ensino de Português do Brasil (doravante PB) como Segunda Língua/Língua Estrangeira (L2), podemos afirmar que o uso de músicas na sala de aula é essencial, haja vista a enorme importância desta forma de expressão artística na [cultura brasileira](#). Mundialmente somos considerados um país extremamente musical. Terra do samba, do forró, da bossa nova, do maracatu, e de vários outros [ritmos genuinamente tupiniquins](#). Terra de Villa Lobos, de Chiquinha Gonzaga, de Ari Barroso, de Pixinguinha, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, de Elis Regina, de Luiz Gonzaga, de Renato Russo e de tantos outros gênios.

A partir dessas considerações, fica evidente a necessidade da [música brasileira](#) ter um lugar de destaque na aula de PB como L2. Entretanto, podemos adotar diferentes e diversos critérios para a escolha de músicas a serem utilizadas nas aulas.

Apresento, na próxima seção, o percurso teórico que norteia, quase sempre, minhas decisões. E esse percurso é orientado por minhas reflexões realizadas a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso de Escola Francesa, que teve como predecessor o filósofo da linguagem Michel Pêcheux. É preciso também esclarecer que, apesar do sintagma “Escola Francesa”, a AD tem uma expressão própria e de crescente importância nos últimos anos no Brasil, onde tem sido amplamente divulgada e difundida por um grupo de pesquisadores, do qual faço parte.

### **A Análise de Discurso de Escola Francesa e suas contribuições**

No início do século XX, com a publicação póstuma do livro *Curso de Lingüística Geral*, atribuído a Ferdinand de Saussure, estabelece-se um objeto de estudo próprio para a Lingüística. Esse recorte foi realizado com o intuito de instituir a Lingüística como uma disciplina autônoma e de diferenciá-la de outras ciências que tradicionalmente também se dedicam ao estudo de questões relacionadas à linguagem, como a “Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia, etc.” (SAUSSURE, 1973: p.16).

No *Curso*, a partir da consideração de que “a linguagem tem um lado individual [*parole*, fala] e um lado social [*langue*, língua], sendo impossível conceber um sem o outro” (ibidem), fica estabelecido que a *língua* - entendida como um sistema de signos em

que cada signo significa em função de outro(s) signo(s) - deve ser o objeto de estudo da Lingüística.

Em função desse recorte epistemológico, foi excluída do campo da Lingüística a possibilidade de se pensar o sentido em sua relação com o sujeito e com a história, uma vez que a língua é concebida como um sistema de significação com percurso apenas interno. Nas palavras de Mussalim (2001, p.102),

A língua [da perspectiva Saussureana] não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo. Daí “estruturalismo”: é no interior de um sistema que se define, que se estrutura o objeto, e é este objeto assim definido que interessa a esta concepção de ciência em vigor na época.

Com o objetivo de mudar esse posicionamento, outros movimentos buscaram - e ainda buscam - questionar a concepção saussureana de língua(gem) e as teorias calcadas no paradigma estruturalista ([GUIMARÃES, 2001](#)).

A AD, nascida na França no final dos anos 60, é um desses movimentos que visam resgatar o papel do sujeito e da história no estudo de questões lingüísticas. Para tanto, a AD desenvolveu concepções de língua(gem), de sujeito, de discurso e de ideologia nascidos a partir de contribuições de estudos dos campos da Psicanálise (especificamente de Sigmund Freud e Jacques Lacan), do Materialismo Histórico (com destaque para Marx e Engels, e sua releitura feita por Althusser) e da própria Lingüística ([ROSA, 2003](#), p. 20).

A AD propõe uma resignificação e redirecionamento nos estudos sobre questões de linguagem, e propõe que se analise a linguagem através de uma relação constante com a sua exterioridade, dialogando com outras disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. Além das diferenças nos conceitos, nossas questões também são outras – daí os estudos realizados por pesquisadores da AD serem bem diferentes dos estudos tradicionais da Lingüística.

A AD considera que a linguagem tem um aspecto estrutural (a língua é vista como uma estrutura sujeita a falhas, deslizos) e outro da ordem do acontecimento histórico-político-social (que envolve toda produção de linguagem) (PÊCHEUX, 1988). Para a AD, não há uma separação estanque entre ações lingüísticas e ações sociais, uma vez que tem como proposta básica considerar como intrínseca à linguagem sua relação com a exterioridade histórica, que inevitavelmente a constitui. Como resultado, temos que não há

produção de linguagem isenta de ideologia, considerada um mecanismo produtor de sentidos.

Um desdobramento importante que surge ao considerarmos que a língua é uma estrutura sujeita a falhas, deslizos, é que, ao fazê-lo, estamos, em maior ou menor medida<sup>3</sup>, aderindo à concepção de sujeito que não tem o controle total (consciente) sobre o seu dizer. Essa concepção de sujeito clivado - dividido entre consciente e inconsciente - e estruturado a partir de processos psíquicos e simbólicos Freud já nos sinalizava em sua prática psicanalítica e em suas publicações - de maneira mais direta e aprofundada em sua obra *A psicopatologia da vida cotidiana*, publicada pela primeira vez em 1901, logo após *A interpretação dos sonhos*.

Da perspectiva discursiva, o sujeito é tido como múltiplo, plural, heterogêneo, descentrado. Somos como uma colcha de retalhos: una, porque é uma colcha só, mas que é ao mesmo tempo *essencial e intrinsecamente múltipla*, porque constituída de variados pedaços de tecidos. Entretanto, usualmente nos esquecemos (inconscientemente) dessa heterogeneidade, de maneira que somos capazes de enunciar “eu sou” - e não “eu somos”- e, com isso, termos a certeza (ilusória) de que possuímos uma identidade que é nossa e individual.

A AD considera que a identidade do sujeito é constituída pelos discursos em circulação na sociedade e, portanto, não é individual (na concepção cartesiana), já que é afetada pelo histórico e pelo inconsciente. O sociólogo Hall (2003) defende, a partir de um posicionamento teórico de natureza pós-moderna, tendo por base estudos psicanalíticos, que não há uma *identidade* propriamente, e sim *processos de identificação*: nos identificamos, ao longo da vida, com determinados discursos, determinados dizeres, e é essa identificação que, psíquico e simbolicamente, nos dá o que chamo de “sensação de identidade”.

Agora, voltando à idéia de estudarmos questões de língua(gem) a partir da exterioridade, como fazê-lo?

---

<sup>3</sup> A AD é um campo em que, como vários outros, senão todos, existe uma considerável heterogeneidade de posicionamentos. Em meus estudos, tenho notado que há analistas de discurso que privilegiam, em seus trabalhos, sua ligação com a Psicanálise; outros, com o Materialismo Histórico; e, por fim, há aqueles que fazem uma AD mais visivelmente de tradição lingüística.

Para tanto, a AD possui, além das suas concepções básicas (língua(gem), ideologia, discurso, etc.), o chamado *aparato analítico*, composto por diversos conceitos<sup>4</sup>. Destacarei, neste trabalho, o conceito de *condições de produção*, a partir das quais o analista busca levantar, especificamente, a exterioridade constitutiva da linguagem e, com isto, dar forma à sua pesquisa.

Ao utilizarmos o termo *condições de produção* estamos nos referindo tanto ao contexto “mais imediato” (tradicionalmente abordado pela Pragmática) – constituído pelo falante, pelo ouvinte, suas posições sociais, o local da enunciação, etc. - como o contexto histórico-social (ideológico) mais amplo. Assim, para estudarmos determinada produção de linguagem, o fazemos considerando como parte constitutiva dos sentidos desse dizer também o momento histórico no qual ele se insere. Logo, a AD considera que não há sujeito sem linguagem, e não há linguagem sem discurso, aqui entendido como palavra em movimento, prática de linguagem (ORLANDI, 1999).

Como busco aliar o ensino de questões “mais estruturais” da língua ao estudo, à reflexão e compreensão do seu acontecimento histórico, a escolha que faço das músicas para uso em sala de aula muitas vezes tem como principal motivação o levantamento de discussões e reflexões sobre questões de natureza histórico-cultural do país alvo. A escolha, portanto, se faz em função do momento histórico vivido, abordando acontecimentos que podem ser do passado ou do presente, ou ainda uma correlação e comparação entre ambos.

Nesse sentido, entendo que uma música não deve ser simplesmente utilizada para “ilustrar” um determinado evento ou momento histórico. Mais do que isso: ela deve ser parte constitutiva do caminho de construção do conhecimento do aprendiz de maneira mais aprofundada. Deve fazer parte de sua *formação*, e não apenas de sua *informação*. Através das músicas trabalhadas, o aprendiz pode construir seu percurso de sentidos nas diversas trilhas oferecidas pela língua alvo e pela cultura alvo.

No caso aqui abordado, a música enfocada pode nos remeter e fazer refletir tanto sobre acontecimentos do passado recente do Brasil como a fatos do presente.

---

<sup>4</sup> Para uma breve exposição de conceitos de AD, consultar o capítulo “Aparato Teórico- Metodológico” de minha tese de mestrado, [disponível on line](#). Para um estudo mais aprofundado, indico os livros “Introdução à Análise do Discurso”, de Helena H. Nagamine Brandão, e “Análise de Discurso”, de Eni Orlandi. Uma exposição mais breve, porém igualmente perspicaz, é a de Mussalim (2001).

## Letra de “Coração de Estudante”

Em 1983, Milton Nascimento e Wagner Tiso lançaram a música “Coração de Estudante”, cuja letra diz:

Quero falar de uma coisa  
Advinha onde ela anda?  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê flor e fruto

Coração de estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade  
Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes: planta e sentimento  
Folhas, coração, juventude e fé

Para que possamos compreender discursivamente essa música, as colocações aí feitas clamando por sentidos, passemos às próximas seções, em que apresento algumas de suas condições de produção.

### Os rapazes do Clube da Esquina e a história política recente do Brasil

De 1964 a meados de 1985 tivemos, vigente em nosso país, o regime militar, também conhecido como ditadura militar e “anos de chumbo”. Período sem eleições diretas para presidente. Período de ausência de liberdade de expressão. Período de fortes

perseguições políticas. Período em que [muita gente foi terrivelmente torturada e morta](#). Muitos desapareceram, sem deixar rastros<sup>5</sup>. Muitos brasileiros tiveram perdas de familiares, sem, no entanto, terem seus corpos para enterrar. Os que “tiveram mais sorte” foram exilados do país.

Nesse clima de repressão cresceram os rapazes do Clube da Esquina, nome carinhoso, dado ao [grupo](#) que se reunia num barzinho numa [esquina do bairro de Santa Teresa](#), em Belo Horizonte, para discutir política, cultura e fazer música. Milton Nascimento estava entre eles, além de Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Toninho Horta, Wagner Tiso, os irmãos Borges, e muitos outros amigos. Em 1972, como fruto dessa convivência, foi lançado o disco Clube da Esquina, um marco na história da música popular brasileira.

Foram muitos anos tentando driblar a censura realizada pelo regime militar, que controlava o que era produzido e veiculado em todos os campos artísticos do Brasil e na imprensa em geral. Mas a “dita dura” (trocadilho bem humorado) não conseguiu impedir totalmente o silenciamento dos sentidos, pois este acaba levando à direção contrária: força o sujeito a enunciar. Onde há censura, há resistência: há discursos em movimentos querendo se significar, querendo vir à tona (ORLANDI, 1992).

Em meio a (mais) uma grave crise econômica, em 1983 começam a se disseminar no Brasil reuniões com o objetivo de lutar pela redemocratização do país, pelo fim do regime militar, que já durava dezenove anos, e pela volta das eleições diretas para presidente. Também em 1983, o deputado Dante de Oliveira começa, assim que eleito, a coletar assinaturas para apresentar um projeto de emenda constitucional (batizada com seu nome) a favor das eleições diretas.

A esse movimento de luta pela redemocratização do Brasil foi dado o nome de [Diretas Já](#), do qual participaram a sociedade civil, incluindo artistas, políticos, e sindicalistas. E para marcar um movimento histórico como esse e dar a ele mais força e poder de identificação, nada melhor do que uma trilha sonora. Convém ressaltar também que era até natural a presença de músicas no movimento, já que muitos músicos participaram da campanha. Várias canções eram tocadas e cantadas durante os comícios

---

<sup>5</sup> O que me remete à música “[Não chore mais](#)” (versão de “No woman no cry”, de Bob Marley), composta em 1970 por Gilberto Gil e que trata justamente da perseguição política aos que eram contrários à ditadura militar.

pelas Diretas, entre elas, com destaque, “Coração de Estudante”. Esta era uma das [canções favoritas de Tancredo Neves](#), que, em 1985, viria a ser eleito o [primeiro presidente civil do Brasil após 21 anos de ditadura militar](#).

Mas, voltando a 1984, à emenda pelas eleições diretas do deputado Dante de Oliveira, apesar do empenho, o projeto chegou a ser apreciado, mas não conseguiu votos suficientes para a sua aprovação, o que, até certo ponto, já era esperado. Como resposta à ousadia dos que tentavam frear o regime, o governo militar endureceu a censura à imprensa, promovendo prisões e repressão policial violenta.

Apesar de tudo, a campanha pelas Diretas Já prosseguiu, com a realização de comícios de norte a sul do país, com a participação de multidões de brasileiros. E, ainda que sem eleições diretas, em 1985 a derrota do regime militar aconteceu e, com ela, a esperança de redemocratização do Brasil<sup>6</sup>.

Nesse ano, a escolha do próximo presidente - ainda que pelo voto indireto, realizado pelo [Colégio Eleitoral](#) - deu-se entre dois candidatos: Paulo Maluf, que representava uma facção do governo militar, e Tancredo Neves, representante de uma complexa aliança de partidos de oposição e demais descontentes com o andamento do regime em vigor. Graças à sua capacidade de negociação, que resultou na construção de uma [complexa articulação](#) dos mais diversos setores políticos brasileiros (incluindo membros que até então eram favoráveis ao próprio regime militar), Tancredo Neves é eleito presidente do Brasil em 1985.

Entretanto, no dia anterior à posse, Tancredo foi hospitalizado, vindo a falecer dramaticamente um mês depois. Tomou posse o vice-presidente José Sarney. A morte de Tancredo desencadeou uma [comoção nacional](#) e é um dos momentos históricos do Brasil de maior importância.

### **Estudantes fazendo história em 2007: invasão da reitoria da USP**

Até o presente momento (escrevo este artigo no final de junho de 2007), considerando a primeira metade deste ano, um dos mais importantes e inesperados

---

<sup>6</sup> Os brasileiros ainda teriam que esperar até 1989 para terem sua primeira eleição presidencial direta, vinte e cinco anos depois do início do regime militar, que durou vinte e um anos.



acontecimentos históricos que o Brasil presenciou foi, indubitavelmente, a invasão da reitoria da Universidade de São Paulo (USP) por um grupo de alunos que reivindicavam uma série de melhorias, tanto à reitoria da universidade como ao Governo do Estado de São Paulo.

Para entender esse acontecimento, é preciso, primeiramente, voltarmos a 1º de janeiro de 2007, quando, em dia de posse, o recém-eleito governador de São Paulo, José Serra, assinou e despachou [dois decretos](#) (e depois mais quatro) que comprometem a autonomia das três universidades públicas estaduais de São Paulo. Juntas, as três - a saber: além da USP, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – são tradicionalmente responsáveis por mais de [50% de toda a pesquisa](#) realizada no território brasileiro, mesmo com dificuldades orçamentárias.

Além dos decretos, Serra criou a Secretaria de Ensino Superior, cujo papel inclui a supervisão das atividades das três universidades citadas. Os decretos prevêem, entre outras medidas, que essas universidades só poderão fazer remanejamentos em seu orçamento com a anuência do governador.

Tudo isso vai na contramão do que acontece desde 1989 nas universidades estaduais paulistas. Desde este ano, elas recebem anualmente, para a sua sustentabilidade, um percentual do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (o ICMS, imposto estadual) – percentual que é revisto e renegociado todos os anos. E desde 1989 também que as universidades têm total autonomia para fazer uso desse orçamento - sistema de gestão que ficou conhecido como *autonomia universitária*. Essa autonomia, garantida desde 1988 pelo Artigo 207 da [Constituição Federal Brasileira](#), é fundamental para que as decisões da universidade não fiquem reféns da “vontade política” (expressão lingüística, aliás, muito usada no nosso cotidiano, o que indica o amplo uso político da máquina estatal no Brasil).

Diante dos decretos do governador e de outros problemas enfrentados (como as péssimas condições estruturais da moradia dos estudantes no campus e a insuficiência de vagas, classes superlotadas devido à insuficiente contratação de novos professores, entre outros), alguns alunos da USP, após não obterem sucesso em suas reivindicações junto à reitoria da universidade e ao governo estadual, decidiram invadir, em 03 de maio de 2007, o

prédio onde funciona a reitoria da universidade. Isto aconteceu justamente no momento em que professores e funcionários também discutiam e criticavam os decretos e anunciavam uma paralisação (greve) por aumentos de salário – greve que realmente aconteceu e que terminou recentemente.

Os alunos levantaram um [verdadeiro acampamento](#) no prédio da reitoria, levando para lá seus pertences e até mesmo colchões para passar os dias e as noites no local. A ocupação não se limitou ao aspecto físico: foram realizados vários eventos acadêmicos, como palestras de renomados professores da USP aos alunos ali presentes e até visitas de estudantes dos anos 60 que participaram de movimentos contra a ditadura.

Durante a ocupação, que durou incríveis 51 dias, várias passeatas aconteceram em São Paulo, tanto de alunos como de funcionários e professores, muitas delas terminando com enfrentamento dos manifestantes com a polícia e pancadaria. Com a polícia, os gases lacrimogêneos - citados na epígrafe deste artigo (trecho da música Clube da Esquina Nº 2) - também tiveram presença marcada, ao lado de jatos de água e sprays de pimenta.

Voltando à ocupação, segundo o professor da USP Luiz Martins, tais iniciativas são "algo que nunca havia visto antes no movimento estudantil, pois quando alguém vê a realidade da ocupação, vê nela a vitalidade renovada do movimento estudantil brasileiro" ([Alves, 2007](#)). Essa renovação se fez sentir em diversas outras instituições, não apenas na UNICAMP e UNESP, mas até em outros estados, abrangendo instituições federais e particulares também.

O professor da USP citado enfatiza, no entanto, que tais movimentos são complexos e heterogêneos em seu aspecto político e o que os move, apesar da presença de bandeiras de partidos políticos na ocupação, vai além. O que os une é o fato de que:

“a atual geração de estudantes brasileiros é a primeira que se vê sem futuro algum. Justamente por isso, pretende mudar a sociedade. ‘Esse povo, essa geração, vê a realidade da sociedade capitalista e consegue enxergar que seu futuro é sombrio’, diz [o professor]” (ibidem).

## **Sugestões de trabalho com música em sala de PB como L2**

Feito todo esse percurso das condições de produção da música Coração de Estudante e sua possível e ainda atual vinculação (e veiculação) com a história recente do

país, gostaria de enfatizar no ensino de PB como L2 a necessidade de aliar o uso de músicas em sala de aula ao ensino da língua (entendida como estrutura) e à discussão, reflexão e compreensão de acontecimentos histórico-sociais que tanto nos dizem sobre nossa história e nossa cultura (ou seja, o ensino da língua(gem) entendida como acontecimento).

“Coração de estudante” é apenas um exemplo. Muitas outras composições são dignas de destaque. Para praticamente todos os grandes acontecimentos históricos brasileiros mais recentes sempre podemos encontrar músicas que a eles nos remetem e estão relacionadas.

Como procurei mostrar com “Coração de estudante”, importante para a compreensão do funcionamento discursivo das letras de músicas é o estudo das condições de produção em que a música foi feita e veiculada. É fundamental elaborarmos perguntas como: Em que condições históricas essa música foi composta? Qual a história de seus compositores e intérpretes e seu posicionamento e participação (ou não-participação) frente à realidade de seu país? Qual o impacto dessa música no público? Como essa música é vista por esse público? Em que momento histórico a música foi produzida e o que ela nos diz sobre esse momento? Que discursos são veiculados por essa música? Etc.

Um ponto interessante que também destacaria - e que é um belo exemplo de como estrutura e acontecimento estão imbricados na linguagem - é o uso intenso de metáforas na letra de “Coração de estudante”. O desejo de querer falar (“quero falar de uma coisa”), meio indireto e camuflado (“adivinha onde ela anda?”) e até meio tímido, busca na poética das metáforas a possibilidade de dizer, a possibilidade de soltar a voz abafada, silenciada. Essa “tática” lingüística tem um sentido muito particular, pois foi largamente utilizada durante o regime militar, quando o fantasma da censura (e de suas resultantes: a repressão e a violência) amedrontava o país.

Voltando à prática de sala de aula, em minha experiência de ensino, tenho observado que os alunos simplesmente adoram fazer esse trabalho de aliar música ao estudo de história, cultura e língua. Mediante uma orientação adequada, eles são capazes de elaborar excelentes pesquisas breves, que podem resultar em apresentações em sala de aula, no estilo de comunicações ou seminários temáticos (em grupos ou individualmente). Estes podem ter o formato de vinte minutos de apresentação (preferencialmente com uso de recursos audio-visuais, como o *data show* ou o retroprojetor, seguidos de alguns minutos de

debate - minutos que os alunos depois sempre reclamam que são insuficientes, tamanho seu interesse nas atividades. Gostaria de destacar também que essas pesquisas dos alunos não precisam ficar limitadas à sala de aula: podem, inclusive, ser transformadas em apresentações em congressos e artigos para publicação.

Nessa sugestão de trabalho, os alunos poderiam formar pequenos grupos (com número variando em função da quantidade de alunos da turma), e, após um levantamento de temas para estudo, poderia ser feito um sorteio desses temas ou uma divisão deles espontaneamente entre os grupos. Temas possíveis que sugeriria especificamente para o trabalho com *Coração de Estudante*: análise aprofundada da letra da música; história do Clube da Esquina e suas contribuições para a Música Popular Brasileira (MPB), histórico sobre o regime militar no Brasil e suas conseqüências para a sociedade civil; histórico das Diretas Já e processo de redemocratização do Brasil; histórico e importância do movimento estudantil brasileiro, etc.

Nesse tipo de proposta para sala de aula, estão envolvidos trabalhos com todas as quatro habilidades lingüísticas na língua alvo: leitura e escrita (na pesquisa bibliográfica, seleção de material e elaboração do texto para a apresentação do trabalho em sala de aula), e produção e compreensão oral (durante as reuniões de orientações (que podem ser realizadas durante as aulas mesmo), no seminário e no debate posterior).

Se utilizarmos a música brasileira para aliar o ensino de questões de linguagem ao desenvolvimento de estudos sobre aspectos de história e cultura brasileiras, possibilitaremos aos nossos alunos uma melhor compreensão da história e da cultura do país da língua alvo e, ao mesmo tempo, estaremos possibilitando o desenvolvimento de aspectos da língua enquanto estrutura também.

O Brasil é um país idiossincrático, constituído por diferentes valores, paradoxos e contradições, e é preciso trabalhar com essas questões para que se possa construir um melhor entendimento do complexo processo de identificações do povo brasileiro<sup>7</sup> e, conseqüentemente, compreender melhor a historicidade de nossa língua e de nossa cultura.

---

<sup>7</sup> Sobre esse tema, remeto o leitor ao instigante livro "Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil", do psicanalista italiano [Contardo Calligaris](#).

## OBRAS CITADAS

- Alves, Mateus. **Movimento de estudantes pode iniciar nova jornada política no Brasil.** Correio da Cidadania. São Paulo, 13/06/2007. Disponível em: <http://www.correiodacidade.com.br/content/view/454/47/>. Acesso em 30/06/2007.
- Brandão, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- Calligaris, Contardo. **Hello Brasil: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil.** São Paulo: Escuta, 2000.
- Guimarães, Eduardo. **Os estudos sobre linguagens: uma história das idéias.** Revista ComCiência, volume “Linguagem – cultura e transformação”, 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling14.htm>>. Acesso em 30/06/2007.
- Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Mussalim, Fernanda. Análise do Discurso. In: Fernanda Mussalim e Anna Cristina Bentes (Orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2001, vol.2, p.101-142.
- Orlandi, Eni. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- Pêcheux, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- Rosa, Marli. Aparato teórico-metodológico. In: \_\_\_\_\_. **A relação entre domínio da língua inglesa e empregabilidade no imaginário brasileiro em tempos de mundialização do capital ("globalização").** Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, capítulo 2, 2003, p. 13-38. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000295015>>
- Saussure, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1973.